

Negociadores da dívida

conomia

JORNAL DO BRASIL

rompem tática do silêncio

Roberto Garcia

Correspondente

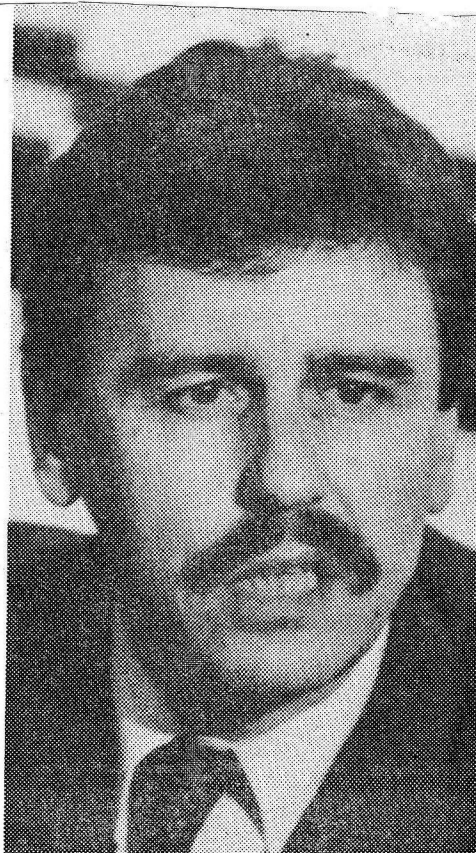
WASHINGTON — Há uma semana em negociações com o comitê de bancos credores nos Estados Unidos, os negociadores brasileiros descobriram que as pressões ocorrem não só dentro da sala de reuniões mas também de público, através das páginas da imprensa econômica internacional.

Há uma guerra em andamento e as batalhas pela simpatia da opinião pública terão de ser travadas — e ganhas — uma a uma, pois uma derrota que seja pode ser até mais grave que uma concessão tática feita na sala de negociações.

Desta forma, a equipe de negociadores que chegou a Nova Iorque disposta a manter silêncio sobre o que se passava, mudou de tática. O presidente do Banco Central, Fernando Milliet, começou a explicar melhor a posição brasileira e nisso foi respaldado de longe por seu superior, o ministro Maílson da Nóbrega, que também iniciou uma etapa de esclarecimentos ao público. Ambos sabem que se o público não entender o que se passa no escritório de advocacia Sherman and Sterling, em Nova Iorque, o governo Sarney não terá condições de insistir em suas propostas.

A mais importante relaciona-se com a determinação do montante de juros que vencerão em 1988 e 1989 e que o Brasil pretende seja refinanciado pelos bancos na forma de dinheiro novo. Como qualquer conversa deve ser feita com base em projeções sobre taxa de crescimento, déficit público, saldo da balança comercial etc, a mudança de cada uma dessas variáveis afeta os resultados finais.

Sem contar que cabe aos negociadores brasileiros pedir o máximo possível e aos credores estrangeiros alegar que as projeções do governo Sarney são otimistas demais. O governo brasileiro, em princípio, quer que 60% dos juros que irão vencer sejam refinanciados.



Milliet: explicando melhor a posição brasileira

Outra questão são os juros que estão vencendo e também não estão sendo pagos. Isso para impedir progressos substanciais nas negociações. Os bancos credores sugeriram que o Brasil pedisse um empréstimo de emergência (*bridge loan*) ao Tesouro americano. Na sexta-feira, Milliet deslocou-se para Washington para conversar com as autoridades do Departamento do Tesouro. Não obteve nada de conclusivo, mas ficou claro que podem existir alternativas e, nos próximos

dias, os assessores jurídicos do Banco Central vão começar a explorá-las.

Milliet está otimista. “A bola finalmente começou a rolar”, disse horas antes de embarcar para o Brasil para consultas ao governo. Na terça-feira volta aos Estados Unidos para prosseguir com as negociações. Amanhã, aniversário de Martin Luther King, é feriado em todo o país.

Os negociadores da dívida brasileira estão determinados a aproveitar todas as oportunidades para insistir nas propostas do governo Sarney e, também aí, a batalha pela opinião pública é fundamental. Mas admitem que um acordo só é realmente um acordo depois de assinado. “Enquanto isso não ocorrer, os retrocessos são frequentes”, reconhecem.

Desta forma, alguns não se surpreendem quando, após a retomada das negociações, os credores tenham erguido uma verdadeira baragem de pressões para que o Brasil pague os juros da dívida a médio e longo prazos que começaram a vencer no início do ano.

Alguns credores chegaram mesmo a insistir no pagamento pleno desses juros antes de entrar na sala de reuniões para negociar o reescalamento do débito. O argumento mais incisivo era de que o acordo provisório firmado pelo antigo negociador Fernão Bracher em novembro diz respeito apenas ao pagamento dos juros do último trimestre de 1987. Os vencidos entre 20 de fevereiro — quando o país decretou a moratória — e 30 de setembro não haviam sido pagos o que, tecnicamente queria dizer que a moratória continuava.

Como o Brasil já deixou claro que voltará ao FMI — uma missão do Fundo irá ao país em fevereiro —, desta vez os credores não insistiram tanto no assunto. Daí o otimismo de Milliet, certo de que se ninguém virou a mesa as soluções para os problemas vão exigir apenas mais empenho e, possivelmente, mais tempo.